

## A expressão de Modalidades Típicas do Subjuntivo no Português do Século XVI: ... investigando o passado para compreender o presente <sup>1</sup>

Rosana Ferreira Alves<sup>2</sup> (UNICAMP - FAPESB)

### Resumo:

Neste trabalho descreve-se a expressão de modalidades típicas do *subjuntivo* em sentenças completivas, adverbiais e relativas de documento do português da segunda metade do século XVI. Para isso, apóia-se na Sociolingüística Quantitativa (LABOV, 1972). Tendo como base Alves (2006, 2007, 2008, 2009), propõe-se que o fenômeno variável *expressão de modalidades típicas do subjuntivo* esteja ocorrendo mediante a realização de três variantes lingüísticas, a saber: *formas do subjuntivo*, *formas do indicativo* e *estruturas alternativas* (sentenças com verbo no infinitivo, no gerúndio, nominalizadas, etc).

**Palavras chaves:** Variação lingüística; Português do século XVI; Modalidade verbal.

### Résumé:

Dans ce travail on décrit l'expression de modalités typiques du *subjonctif* dans les sentences complétives, circonstancielles et relatives de document du Portugais de la seconde moitié de XVIeme siècle. Pour cela, il se base dans la Sociolingüistique Quantitative (LABOV, 1972). Ayant comme base Alves (2006, 2007, 2008, 2009), on propose que le phénomène variable *expression de modalités typiques du subjonctif* se produise à travers la réalisation de trois variantes lingüistiques, à savoir: *des formes du subjonctif*, *des formes de l'indicatif* et *des structures alternatives* (des sentences avec verbe à l'infinitif, au présent progressif, nominalisées, etc).

**Mots clés :** Variation lingüistique ; Portugais du XVIeme siècle ; Modalité verbale.

## 1. Introdução

Neste trabalho descreve-se como são expressas as modalidades típicas do subjuntivo em tempo presente (modalidades de dúvida, hipótese, necessidade/obrigação, possibilidade/probabilidade, etc.) em sentenças completivas adverbiais e relativas de documento do português da segunda metade do século XVI, a saber: *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, (GANDAVO, 1556). Para isso, são utilizadas algumas noções da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972).

É comum, na literatura sociolinguística, a existência de trabalhos que abordem o uso variável do subjuntivo, sob a hipótese da ocorrência de duas variantes linguísticas: *forma do subjuntivo* e *forma do indicativo* (cf. BIANCHET, 1996; ALVES NETA, 2000; MEIRA, 2006, entre outros). Entretanto, conforme Alves (2006, 2007, 2008, 2009), o uso variável do subjuntivo, no português, pode estar relacionado à ocorrência de três variantes linguísticas, na medida em que se considere a disponibilidade, na língua, de outras possibilidades à expressão de modalidades que são tipicamente expressas pela forma verbal no subjuntivo (modalidades de volição/desejo, possibilidade/probabilidade, ordem/ pedido, necessidade/obrigação, etc.). Assim, para a referida autora, na expressão de modalidades tipicamente subjuntivas, o falante pode utilizar as variantes linguísticas: (a) *forma do subjuntivo* (cf. 1a, 2a e 3a); (b) *forma do indicativo* (cf. 1b, 2b e 3b) e (c) *estruturas alternativas*: (cf. 1c, 2c e 3c).

- (1) a. Eu peço que você **compre** o carro. (presente do subjuntivo)  
b. Eu peço que você **compra** o carro. (presente do indicativo)  
c. Eu peço **para você comprar o carro**. (estrutura alternativa)
- (2) a. É necessário que ela **limpe** a casa. (presente do subjuntivo)  
b. É necessário que ele **limpa** a casa. (presente do indicativo)  
c. É necessário **limpar a casa**. (estrutura alternativa)



- (3) a. Espero que ele **venha**. (presente do subjuntivo)
- b. Espero que ele **vem**. (presente do indicativo)
- c. Espero **a sua vinda**. (estrutura alternativa)

Nos exemplos em (1) tem-se a expressão da modalidade *volição*, a qual se encontra evidente na forma verbal da sentença matriz (cf. FÁVERO, 1982). Esse tipo de modalidade verbal requer, necessariamente, que a sentença encaixada exiba a forma verbal no subjuntivo, em estruturas do tipo (1a) e (1b). Sendo assim, em (1b) apresenta-se um caso de variação, ou seja, a variante não-padrão *forma do presente indicativo* ocupa um contexto para o qual a Gramática Tradicional (doravante, GT) prescreve o uso exclusivo de forma verbal no subjuntivo. Em (1c), por sua vez, ocorre a expressão da referida modalidade, não sendo utilizada nenhuma das variantes até então mencionadas, mas sim de uma outra estratégia que a língua oferece, isto é, a variante *estrutura alternativa*.

Nas estruturas expostas em (2) e (3), aplica-se explicação similar à apresentada em (1), diferindo apenas no tipo de modalidade exposta. Assim, em (2) a expressão da modalidade *necessidade /obrigação* manifesta-se mediante a utilização ou não do subjuntivo. Nesses exemplos, a realização da referida modalidade ocorre por meio de uma construção com a forma verbal no infinitivo, como e (2c).

Diante dessa hipótese que Alves (2006, 2007, 2008, 2009) aventou com base em evidências do português contemporâneo, surge, dentre outras, a seguinte questão central: o uso de estruturas alternativas para expressar modalidades típicas do subjuntivo é um recurso também presente em outras fases do português ou é uma inovação no português do Brasil que, como tal, revela o fenômeno *evite o subjuntivo*? Esse estudo pode contribuir para que se entenda, sob uma ótica mais ampla, o fenômeno do uso variável do subjuntivo no português. Isso não só por oportunizar a descrição do referido fenômeno, sob a ótica de uma hipótese inovadora numa dada sincronia, mas, sobretudo,



por contribuir um pouco para a caracterização de sua identidade diacrônica. Para isso, busca-se testar a seguinte hipótese central: o uso de estruturas alternativas e de formas do presente do indicativo à expressão de modalidades típicas do subjuntivo não é um fenômeno novo no português, revelando-se, assim, presente em outras sincronias, a exemplo do século XVI. Testa-se também a hipótese de que esse uso variável revela-se sensível a fatores de ordem estrutural, a saber: tipo de oração, tipo de modalidade verbal (em completivas e relativas), tipo de conjunção (em adverbiais).

Em parte, desenvolve-se, na presente abordagem, algo que se identifica com trabalhos que vêm sendo sistematicamente desenvolvidos sob diversas perspectivas teóricas, a exemplo: do construto gerativista (principalmente na perspectiva paramétrica); da teoria da gramaticalização, bem como de análises sociolingüísticas. Essas investigações constituem-se frutos de esforços coletivos (de todos que constituem o grande projeto de pesquisa *Para a história do português brasileiro*) para com “estudos de mudança gramatical”, “estudos de história social” e “estudos sobre a organização do *corpus* diacrônico” (cf. ALKMIM 2002), buscando, assim, evidências para melhor caracterizar os diversos aspectos que compõem a “reconstrução e escrita de uma história do português brasileiro” (cf. MATOS E SILVA, 2002, p. 443)<sup>3</sup>. Em sintonia com esses propósitos vários pesquisadores têm desenvolvido investigações na área de Lingüística Histórica as quais constituem o projeto *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística*<sup>4</sup>. Muitos desses trabalhos procuram descrever e caracterizar um dado fenômeno em uma ou várias sincronia (s) do passado distante e/ou recente procurando, dentre outros fins, suporte para melhor analisá-lo e caracterizá-lo diacronicamente (cf. PAIXÃO DE SOUZA, 2004; CAVALCANTE, 2006, dentre outros).

Dando prosseguimento a nossa análise, no item (2) abordar-se-á o uso do subjuntivo na concepção de alguns lingüistas, sobretudo de sociolingüistas; em (3) discorrer-se-á sobre as possibilidades que a língua oferece de expressar



modalidades, tais como o uso da forma verbal no modo subjuntivo; em (4) tratar-se-á do *corpus* em estudo e do tratamento dos dados; em (5) apresentar-se-á a análise dos dados; e, finalmente, em (6) serão tecidas as considerações finais.

## **2. Sobre o uso do subjuntivo na concepção de alguns linguistas**

Após estudar um pouco a literatura linguística, procurando compreender como o uso do presente do subjuntivo vem sendo considerado no português, pode-se concluir que existem várias abordagens acerca do assunto. Em tais abordagens, o uso variável de formas do presente do subjuntivo pode ser entendido como: 1) **um caso de violação do valor semântico** (FÁVERO: 1982); 2) **uma forma alternativa de expressão do valor semântico** (cf. CÂMARA JR., 2004; PERINI, 1995, entre outros); 3) **um caso de variação lingüística** (cf. BIANCHET, 1996; ALVES NETA, 2000; MEIRA, 2006; ALVES, 2006, 2007, 2008, 2009).

O estudo do uso variável do subjuntivo também tem sido investigado com base na hipótese da *transmissão lingüística irregular* (doravante, TLI), a exemplo de Meira (2006). Essa autora, utilizando o suporte teórico da sociolingüística variacionista, se ocupa em “analisar o encaixamento desse processo variável na estrutura lingüística e social de comunidades afro-descendentes” localizadas no estado da Bahia. Após analisar, nos dados de fala dessas comunidades, a atuação de fatores estruturais e não-estruturais em sentenças completivas e relativas, a autora conclui que “a investigação aponta um reduzido uso do subjuntivo na gramática de comunidades rurais afro-brasileiras quando comparado com o que se observa na norma culta”. Ainda conforme a autora, esse fato “confirma a idéia de uma redução na morfologia flexional dessa variedade afro-brasileira do PB em função do contato entre línguas” (MEIRA, 2006: 7).



Abordagem similar foi anteriormente defendida por outros autores, a exemplo de Baxter (1998, p. 121), o qual sustenta que “o sintagma verbal do dialeto de Helvécia manifesta várias características que constituem reestruturação do sistema do português”. A essas características se enquadram usos de formas verbais em tempo e/ou modo diferentemente do(s) que a sentença do português brasileiro padrão comporta, a exemplo do uso de formas verbais no modo indicativo em contextos em que a modalidade padrão do português prevê o uso de formas no modo subjuntivo. O autor afirma que “todos estes traços não-padrão fazem lembrar, até certo ponto, traços das gramáticas de crioulos de base portuguesa” e que há pontos paralelos a esses no português despidginizante dos kamayurá. Esclarece que alguns desses fenômenos se encontram presentes em dialetos rurais do português brasileiro e que o uso variável do subjuntivo, no português brasileiro, também é observado não só em dialetos rurais, mas também em dialetos urbanos. Baxter (1998), ao discorrer a respeito de alguns aspectos fundamentais do chamado debate sobre a hipótese da crioulição prévia (HPC), apresenta evidências da “hipótese de que, no passado, a transmissão lingüística irregular, em populações rurais, tenha dado lugar a tendências estruturais divergentes visíveis nos dialetos rurais hoje em dia, e que encontram paralelos tipológicos nas línguas crioulas” (p.97).

A hipótese da TLI contrapõe-se à hipótese da deriva inicialmente mencionada por Silva Neto (1950). O autor, ao defender esse posicionamento, pauta-se em muitos estudos (SCHUCHARDT: 1870; MEILLET: 1929, etc., *apud* SILVA NETO, 1950), procurando situar e especificar o ‘lugar’ do português brasileiro frente às outras variedades de línguas indo-européias, esclarecendo, assim, que o português brasileiro caracteriza não um semi-crioulo ou crioulo, mas uma variedade da língua portuguesa que teve seu processo de simplificação de flexões acelerado pela ação de aloglotas, ou seja, pela ação de



negros, índios e mestiços. Essa hipótese é corroborada por Naro & Scherre (1993).

### **3. Sobre a expressão de modalidades típicas do subjuntivo no Português por meio de estruturas alternativas**

O modo subjuntivo é tradicionalmente tido como um meio da expressão de modalidades de hipótese, dúvida, necessidade, possibilidade, ordem, pedido, etc. Entretanto, a língua oferece também outras possibilidades de realização dessas modalidades, a saber: estruturas com a forma verbal no infinitivo, no gerúndio, com elipse verbal e estruturas nominalizadas, dentre outras. Sobre essas estruturas, Cunha & Cintra (2001, p. 472), afirmam que é conveniente que se substitua construções nas quais seriam utilizadas formas do subjuntivo por expressões equivalentes, pelo fato de, às vezes, a forma do subjuntivo “ser entendida como pesada e malsoante”.

A expressão alternativa de modalidade típica do subjuntivo, de certa forma, já tinha sido reconhecida desde Maurer Jr. (1951). Conforme evidenciado em (3.1), o condicional, que é um “modo de criação românica” (p. 194), “vai (...) entrando em concorrência com o subjuntivo” (p.199). Assim, o que esse autor chama de condicional seria a inovação do Romance. Também conforme Maurer Jr. (1959), a realização de estrutura alternativa é evidenciada como uma característica presente no latim vulgar. Para o autor, é desde o latim vulgar que o subjuntivo deixa de ser realizado em função do uso de *perífrase verbal* constituída de *auxiliar mais infinito*. Para Mateus (1983), Neves (2002) e também para Koch (2003), a expressão de modalidades na língua portuguesa se dá mediante ao uso de verbos modais (tem que comer, tem de comer, deve comer), e ao uso de outras estruturas. Também em Santos (1998), supõe-se que o falante parece estar realizando o fenômeno ‘evite o subjuntivo’ empregando, assim, a expressão das modalidades subjuntivas mediante ao uso de outras estruturas sintáticas.



Estudo desenvolvido por Alves (2006, 2007, 2008, 2009), diferentemente dos citados até então, aventa e testa a hipótese de que, na língua portuguesa, concorre com o uso do subjuntivo não apenas a variante *presente do indicativo*, mas também a variante *estrutura alternativa* à expressão de modalidades típicas do subjuntivo, a saber: estruturas com a forma verbal no infinitivo, no gerúndio, elíptica e também estruturas nominalizadas. Essa hipótese foi confirmada com dados de fala de Muriaé/MG, uma vez que a variante *estrutura alternativa* ocorreu em mais de 70% dos casos. Sendo assim, em apenas 30% dos dados foi registrada a co-ocorrência das variantes *forma do presente do subjuntivo* e *forma do presente do indicativo*. A autora desenvolve, em estudo de doutoramento, uma abordagem do uso variável dessas três variantes lingüísticas, em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade, com dados de Muriaé/MG e de Feira de Santana/BA), procurando, sobretudo, identificar a validade de duas hipóteses básicas: (1) a presença dessas variantes em fase pretérita do português; (2) um comportamento diferenciado no que se refere à variação indicativo/subjuntivo no português contemporâneo, sinalizando, com isso, que o português encontra-se em estágio mais avançado de variação em Muriaé/MG, em comparação com amostras da Bahia.

#### 4. Amostra e procedimentos

##### 4.1. Sobre o *corpus* em estudo

O *corpus* em análise é extraído do texto intitulado *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, dedicada a D. Leonis Pereira. Esse texto constitui-se uma descrição de aspectos da fauna e da flora, bem como de características físicas, psicológicas e culturais de nativos (indígenas), datada de 1556, que Pero Magalhães Gândavo desenvolveu da então província de Santa Cruz, ou seja, do Brasil recém colonizado. A versão analisada não é a original, porém a editada por Paixão de Souza & Menezes, que faz parte do *corpus Tycho*



*Brahe*, (cf. [www.ime.usp.br/~tycho/corpus](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus)) a qual se encontra fiel à original, com exceção de algumas adaptações ao português contemporâneo no que se refere à grafia. Sendo assim, em se tratando da morfologia verbal e de estruturas sintáticas, que são os objetos de investigação desse estudo, todas as características que o texto original apresenta continuam intactas na versão editada, ou seja, no texto em análise<sup>5</sup>.

#### **4.2. Sobre o levantamento e tratamento dos dados**

O *corpus* em questão foi formado tendo em vista a seleção de todas as construções em que se realizam modalidades ditas típicas do subjuntivo, ou seja, modalidade de ordem/pedido, desejo/volição necessidade/obrigação, probabilidade/possibilidade, etc. Sendo assim, foram consideradas e submetidas à análise as seguintes construções: (a) que apresentam forma verbal no presente do subjuntivo; (b) que registram forma verbal no presente do indicativo, em contextos que são tradicionalmente tidos como de presente do subjuntivo; (c) que também expressam modalidades ditas típicas do subjuntivo (no presente) mediante forma alternativa, a saber: sentença com a forma verbal no infinitivo, no gerúndio, no particípio, nominalizada, com a forma verbal elíptica, etc. As construções do tipo descritas em (c) foram selecionadas levando-se em consideração a potencial apresentação do uso do presente do subjuntivo. Em outras palavras, foram consideradas, como sentenças do tipo *estrutura alternativa*, apenas as construções que podem ter sua estrutura sintática convertida em outra construção na qual seja utilizada a forma verbal no presente do subjuntivo.

Esses dados foram sistematizados (com codificação, indicando cada fator considerado) e submetidos ao programa computacional *GoldVarb* 2001 (ROBINSON; LAWRENCE & TAGLIAMONTE), não com a finalidade de extração de pesos relativos, mas sim devido à necessidade de sistematização e de obtenção de percentuais das ocorrências. A falta de interesse, nesse trabalho,



em preparar os dados para extração de pesos relativos justifica-se basicamente pelo tipo de abordagem que se objetiva realizar, a qual, por ser qualitativa, e não quantitativa, dispensa o enfoque quantitativo fornecida pela extração de pesos relativos.

## 5. Apresentação e discussão dos resultados

Foram analisados 264 dados os quais são contextos em que são expressas modalidades típicas do subjuntivo presente, ou seja, modalidades de: *necessidade/obrigação, possibilidade/probabilidade, desejo/volição*. Essas ocorrências distribuem-se nas três variantes em estudo, como evidencia a Tabela 1:

TABELA 1: ocorrências das variantes *forma do presente do subjuntivo, forma do presente do indicativo e estrutura alternativa*

Variante	Ocorrência	%
Presente do subjuntivo	112	42
Presente do indicativo	37	14
Estrutura alternativa	115	43

Seguem alguns exemplos:

### (4) forma do presente do subjuntivo

a.[g\_008\_s\_181] *E assim antes de muito tempo (segundo a gente vai crescendo ) se espera que haja outros muitos edifícios e templos muito suntuosos com que de todo se acabe nesta parte a terra de enobrecer .*

### (5) forma do presente do indicativo

a.[g\_008\_s\_192] *Estas raízes a cabo deste tempo se fazem muito grandes à maneira de Inhames de São Thomé, ainda que as mais delas são compridas, e revoltas da feição de corno de boi .*

### (6) estrutura alternativa



a.[g\_008\_s\_183] *E a primeira coisa que pretendem adquirir , são escravos para nelas lhes fazem suas fazendas: e se uma pessoa chega na terra a alcançar dois pares, ou meia dúzia dele,...*

a'. ... *caso uma pessoa chegue na terra a alcançar dois pares ou meia dúzia dele ...*<sup>6</sup>

Nos 264 casos de expressão de modalidades típicas do subjuntivo (tempo presente) foram encontradas as três variantes consideradas. Assim, a variante *forma do presente do subjuntivo* foi registrada em 112 ocorrências, ou seja, em 42% dos casos; a variante *forma do presente do indicativo* ocorreu em 37 construções, isto é, 14% dos casos; a variante *estrutura alternativa* registrou 115 casos, número que perfaz 43% das ocorrências.

### 5.1. Sobre a co-ocorrência de formas do presente do subjuntivo e do presente do indicativo

A GT prevê o uso obrigatório do subjuntivo em diversos tipos de oração, dentre essas estão as denominadas subordinadas. Foram registradas 154 ocorrências das variantes *presente do subjuntivo* e *presente do indicativo*, as quais são distribuídas em variados tipos de oração, conforme mostra a seguinte tabela:

Tabela 2: A atuação de fator *tipo de oração* na co-ocorrência de forma do presente do subjuntivo e do indicativo

Tipo de oração	Subjuntivo		Indicativo		Alternativa	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Completiva	4	16	0	0	21	84
Adverbial	59	36	11	6	90	56
Relativa	49	62	26	32	4	5
TOTAL	112	42	37	14	115	43

Exemplos de sentenças com a variante *presente do indicativo*:



(7) **em sentença adverbial**

[g\_008\_s\_284] *E cada filho tem sua teta pegada na boca , da qual a tiram nunca até que se acabam de criar .*

(8) **em sentença em sentença relativa**

[g\_008\_s\_416] *E assim também deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo desse largo e espantoso mar se escondem, ...*

Consoante se pode observar na Tabela 2, apenas as sentenças completivas não apresentam ocorrência da variante *presente do indicativo*, uma vez que dos 25 casos encontrados no *corpus* foram registrados com o uso da variante padrão *forma do presente do subjuntivo* em (16%) e por estrutura alternativa em (84%). Entretanto, em se tratando das sentenças completivas adverbiais e das sentenças relativas, as ocorrências se dão também com a variante *presente do indicativo*: nas relativas, de um total de 79 casos são registradas 26 ocorrências da variante *presente do indicativo*; nas adverbiais, são registradas 59 ocorrências no presente do subjuntivo e 11 no presente do indicativo.

Todavia, considerando apenas a co-ocorrência do presente do indicativo e do presente do subjuntivo, há um total de 149 casos. Sendo que desse total, o presente do subjuntivo registra ocorrência de 75% (com 112 casos) e o indicativo registra 25% de ocorrência (37 casos). É importante salientar que a variante *presente do indicativo* registrou nesse texto escrito no século XVI um percentual de 25% de ocorrência de uma variante que por alguns é considerada como um traço que caracteriza o português falado em solo brasileiro (cf. BAXTER, 1998; MEIRA, 2006). Em outras palavras, pode-se até considerar a co-ocorrência presente do *indicativo* e presente do *subjuntivo* como um traço que caracteriza o português falado no solo brasileiro, desde quando não se abranjam todos os contextos. Isso porque, conforme evidenciam os números, no *corpus* em análise



(do século XVI) formas do presente do subjuntivo deixam de ocorrer em 25% dos casos (37 casos em universo de 149) por decorrência do uso de formas do presente do indicativo em contexto de sentenças adverbiais e relativas.

## **5.2. Sobre a ocorrência de estruturas alternativas**

Conforme exposto no item (3), o subjuntivo é tradicionalmente tido como o modo da expressão de modalidades de hipótese, dúvida, necessidade, possibilidade, ordem, pedido etc. Entretanto, a língua oferece outros mecanismos à expressão dessas modalidades, a saber: construções com forma verbal no infinitivo, no gerúndio, com forma verbal nominalizada, com forma verbal elíptica. Como demonstram os números da tabela 1, foi consideravelmente expressiva a realização da variante *estrutura alternativa*, uma vez que essa variante liderou as ocorrências com um percentual de 44%, superando, assim, as ocorrências da variante *forma do presente do subjuntivo*, a qual se manifestou em 41% dos casos de expressão de modalidades típicas do subjuntivo.

Os números evidenciam que as alternativas são estruturas comuns no *corpus* em análise. Assim sendo, não são essas estruturas (variante *estrutura alternativa*) um mecanismo de manifestação do fenômeno 'evite o subjuntivo' no português contemporâneo (conforme pressupõe SANTOS, 1998 e como sugere ALVES, 2007). Esse resultado corrobora com o que sinaliza a literatura lingüística (cf. MAURER JR., 1951, 1959) a respeito da redução de uso do subjuntivo no latim vulgar em relação ao latim clássico. Esse autor deixa bastante claro (cf. 3.1) que o uso de outras estruturas apresenta-se bastante comum no latim vulgar em contextos em que no latim clássico eram ocupados por sentenças com formas verbais no subjuntivo.



### 5.2.1. Atuação do fator tipo de oração

Tabela 3: relevância do fator *tipo de oração* na atuação da variante *estrutura alternativa*

Tipo de alternativa	Ocorrência	Frequência
Infinitivo	79	68%
Gerúndio	1	-1%
Nominal	5	4%
Elíptica	18	15%
Indicativo	12	10%
TOTAL	127	100%

Seguem exemplos de diversos tipos de *estruturas alternativa* em (a), e em (a') estão expostas as possíveis sentenças que expressam a variante *presente do subjuntivo*.

#### (9) estrutura alternativa nominal

a.[g\_008\_s\_162] *Esta é uma das mais seguras e melhores barras que há nestas partes, pela qual podem quaisquer naus entrar e sair a todo tempo sem temor de nenhum perigo.*

a' ... *sem que temam nenhum perigo.*

#### (10) estrutura alternativa de infinitivo

a.[g\_008\_s\_178] *E assim fica cada um em meio de suas jurisdições, para desta maneira poderem os moradores da terra ser melhor governados e à custa de menos trabalho.*

a' ... *para que desta maneira possam os moradores da terra ser melhor ...*

Conforme se pode observar na Tabela 3, as *estruturas alternativas* manifestam-se em diversos tipos de sentenças. Em se tratando de porcentagens, as mais expressivas são: a alternativa com a forma verbal no infinitivo, que registra 79 casos, perfazendo, assim, um total de 68% das ocorrências de estruturas alternativas; a alternativa do tipo elíptica que, com 18 casos exibe uma ocorrência de 15%. Outros tipos de alternativas também são realizados no

*corpus* em estudo, todavia com percentuais poucos expressivos: as alternativas de indicativo aparecem em 10% dos casos; as alternativas de substantivo são realizadas em um número de 4%; e a alternativa de gerúndio exibe a mais baixa ocorrência, ou seja, pouco mais de 1%.

### 5.2.2. A atuação dos fatores *modalidade* (em completivas)

Consoante é visível na Tabela 4, a seguir, de um total de 25 sentenças em contextos de completivas, 21 casos ocorreram em forma de *estrutura alternativa*. Em se tratando da *modalidade possibilidade* 100% das ocorrências se deram com estruturas alternativas. Entretanto, no que se refere à *modalidade volição*, dos 4 casos existentes, 3 (75%) manifestara-se com a variante subjuntivo.

Tabela 4: relevância do fator *modalidade* em contexto de completivas na co-ocorrência da variante subjuntivo e da estrutura alternativa

Modalidade	Subjuntivo	Alternativa
Possibilidade	0	19
Volição	3	1
Necessidade	1	1
TOTAL	4 (17%)	21 (83)

Seguem alguns exemplos:

#### (11) *estrutura alternativa de infinitivo expressando modalidade possibilidade*

*a.[g\_008\_s\_98] Terá este rio sete léguas de boca, pela qual entra tanta abundância de água salgada, que daí cinqüenta léguas pelo sertão dentro, é nem mais nem menos como um braço de mar, até onde se pode navegar por entre as ilhas sem nenhum impedimento.*

*a'. ... até onde é possível que se navegue ...*



(12) **estrutura alternativa expressando modalidade volição**

a.[g\_008\_s\_456] *Algumas Índias há também entre eles que determinam de ser castas : as quais não conhecem homem algum de nenhuma qualidade , nem o consentirão ainda que por isso as matem.*

a'. ... *determinam que sejam castas...*

**5.2.3. Atuação do fator tipo de conjunção em adverbiais**

Como fica evidente na Tabela 5, em seguida, em contextos de sentenças adverbiais, utiliza-se a variante *presente do indicativo* com as conjunções concessivas em 23% (8 casos) e temporal (3 casos). A variante *presente do subjuntivo* lidera as ocorrências: em contextos de concessiva (70%); em sentenças com idéia de causa/conseqüência (65%) e em adverbiais temporais (46%). As sentenças do tipo *estrutura alternativa* lideram as ocorrências em contexto de conjunção condicional (94%) e predominam nas ocorrências em contexto de conjunção final (64%).

Tabela 5: atuação do fator do tipo de conjunção em adverbiais

Tipo de conjunção	Subjuntivo		Indicativo		Alternativa	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Causal/consecutiva	13	65	0	0	7	35
Final	13	35	0	0	24	64
Concessiva	24	70	8	23	2	5
Condicional	3	5	0	0	53	94
Temporal	6	46	3	23	4	30
Total	59	36	11	6	115	43



**(13) estrutura alternativa de infinitivo expressando finalidade**

a.[g\_008\_s\_161] *No meio desta barra está uma lage que tem cinqüenta e seis braças de comprido, e vinte e seis de largo: na qual se pode fazer uma fortaleza para defensão da terra se cumprir*

a'. ... para que sua defensão na terra se cumpra

Essas ocorrências evidenciam que referente aos fatores modalidade (em contexto de completivas) e tipo de conjunção (em contexto de adverbiais) pode-se coerentemente considerar que, no *corpus* em questão, existe uma co-ocorrência da variante *presente do subjuntivo* e de estruturas alternativas. Sendo assim, é coerente que se afirme o seguinte: na expressão de modalidades típicas do subjuntivo (tempo presente), a estrutura alternativa se constitui uma variante lingüística e, como tal, atua ao lado de construções com forma verbal no presente subjuntivo: (a) nos diversos tipos de sentença analisados (adverbiais, relativas e completivas) como evidencia a Tabela 2; (b) em todas as modalidades consideradas (em contexto de completivas (cf. Tabela 4)); (c) em contexto de diversas conjunções consideradas (em contexto de adverbiais (cf. Tabela 5)).

## **6. Considerações finais**

Após a análise das 264 ocorrências, as quais são contextos em que são expressas as modalidades típicas do subjuntivo (tempo presente), foram encontrados resultados que corroboram as hipóteses aventadas, isto é: (1) a expressão de modalidades típicas do subjuntivo presente ocorreu, mediante a realização das variantes: *forma do presente do subjuntivo* (em 42% das ocorrências), *forma do presente do indicativo* (em 37 casos, isto é, em 14% dos casos) e de *estrutura alternativa* (em 43% das ocorrências); (2) as freqüências das variantes analisadas se mostraram sensíveis a atuação dos fatores estruturais considerados.



A construção *forma do presente do indicativo* não ocorre em contextos de completivas, sendo assim, essa se apresenta como variante lingüística apenas em contextos de sentenças relativas e adverbiais.

Em síntese, tendo em vistas o exposto neste trabalho, pode-se concluir o seguinte a respeito do fenômeno: há ocorrência das três variantes lingüísticas, sendo que cada uma delas se mostra sensível aos fatores estruturais *tipos de oração* e *modalidade*. As ocorrências, conforme os números anteriormente apresentados, possibilitaram as seguintes afirmações: (I) o alto uso de estruturas alternativas no português falado contemporâneo não é um fenômeno novo, uma vez que é atestado em 40% das ocorrências no *corpus* em análise, ou seja, documento do português do século XVI; (II) a co-ocorrência das variantes *forma do presente do subjuntivo* e *forma do presente do indicativo* em sentenças adverbiais e relativas também foi atestada nos dados analisados. Sendo assim, essa variante não pode ser considerada inovadora na língua portuguesa. Em outras palavras, a ocorrência da variante *forma do presente do indicativo* não é um bom exemplo a ser usado como evidência na hipótese da Transmissão Lingüística Irregular, como defendem alguns estudiosos (cf. BAXTER, 1998, p. 121 e MEIRA, 2006, p. 247).

As afirmações expostas em (I) e (II), também estão de acordo com o que fica evidente em Maurer Jr. (1951). Para esse autor, desde o latim vulgar o modo subjuntivo não só perde alguns de seus tempos, como também restringe as suas funções, tendo, assim, sua lacuna de tempo, modo e aspecto suprida pelo aparecimento da perífrase verbal. Em relação ao condicional, afirma que é um modo de criação românica, o qual é empregado em diversos contextos da România Ocidental, como evidenciado anteriormente em (3). Essa afirmação também corrobora com os escritos de Maurer Jr. (1959) ao observar a tendência do Latim vulgar, na utilização de formas verbais do modo indicativo e de outras estruturas lingüísticas em cujos contextos era utilizado o modo subjuntivo.



Essas evidências levam, naturalmente, à adoção da hipótese que já havia sido propagada por Silva Neto desde 1950, segundo a qual diante das condições sócio-históricas, que caracterizam as realidades lingüísticas do Brasil, é possível admitir que a influência dos índios e negros na língua portuguesa dar-se-ia apenas no que se refere à aceleração de fenômenos pelos quais a língua portuguesa naturalmente passaria. Essa hipótese é corroborada por Naro & Scherre (1993) que, após desenvolverem algumas reflexões sobre a origem do português popular do Brasil, com base em evidências históricas, lingüísticas e sociais, concluem: “o impulso motor do desenvolvimento do português do Brasil veio já embutido na deriva secular da língua de Portugal”.

## **Referências**

ALKMIM, Tânia Maria. *Para a história do português*. Volume III: novos estudos. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002.

ALVES, Rosana F. *Sobre o caráter de variante de estruturas alternativas à expressão de modalidades típicas do subjuntivo no português contemporâneo*. Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN, João Pessoa- PB. Artigo publicado em CD com ISBN: 978-85-7539-446-5. Dermeval da Hora (Orgs.), Idéia, 2009, p. 2477-2485.

\_\_\_\_\_. *A expressão de modalidades típicas do subjuntivo no português do Brasil*. Projeto de Doutorado apresentado à FAPESB, 2007.

\_\_\_\_\_. *A expressão de modalidades “típicas” do subjuntivo no português do Brasil*. Comunicação apresentada no GEL / 2006.

ALVES NETA, Ana. *O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 2000.



- BAXTER, Alan N. *Morfossintaxe*. Em Perl, Matthias & Schwegler, Armin. (orgs.). *América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main: Vervuert, 1998, p. 97-134.
- BIANCHET, S. M. G. B. *Indicativo e/ou Subjuntivo em Orações Completivas Objetivas Diretas do Português: uma volta ao latim*. Dissertação de Mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 1996.
- CAVALCANTE, Sílvia. R. *O uso de SE com infinitivo na História do Português: Do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos*. Tese de Doutorado, Campinas, SP, 2006.
- CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36 edição, Petrópolis: Vozes, 2004.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FÁVERO, L. L. O modo Verbal da Oração Completiva. In: *Revista Brasileira de Lingüística*. Vol. 6, nº 1. São Paulo: Livraria das Cidades, 1982.
- GANDAVO, Pero Magalhães de (1556): *História da Província de Santa Cruz*. Edição Eletrônica: <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/textsxml/g008.xml>
- KOCH, I. G. V. *Inter-ação pela linguagem*. 8ª edição, São Paulo, Contexto, 2003.
- LABOV, William: *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, Press, Philadelphia, 1972.
- MATEUS, Maria Helena et. Alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1983.
- MATTOS E SILVA. *Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa*. IN ALKMIM, Tânia Maria. *Para a história do português*. Volume III: novos estudos. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002.
- MAURER Jr. Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo, 1951.



\_\_\_\_\_. Theodoro Henrique. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEIRA, Vívian. *O uso do subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador, 2006.

NARO & SCHERRE. *Sobre as origens do português popular do Brasil*. D.E.L.T.A., Vol. 9 N° Especial (437-454), 1993.

NEVES, Maria Helena de Moura *et. Ali*. *A Modalidade*. In: KOCK, Ingdore G. V. (org.). *Gramática do Português Falado*. Volume VI: Desenvolvimentos, 2ª edição, Editora Unicamp, PP. 171-208, 2002.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*. Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas, 2004.

PERINI, M. A.: *A Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, Helen. & TAGLIAMONTE, Sali. *GoldVarb 2001: amultivariate analysis for Windows*. New York: University of York (Department of Language and Linguistic Science), 2001.

SANTOS, Sandra A. da Silva. *Uso versus não-uso do subjuntivo no português brasileiro: orações substantivas e adverbiais*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Londrina, 1998.

SILVA NETO, Sarafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1950.

### **Notas:**

---

<sup>1</sup> Seria uma manifestação de ingratidão, deixar de mencionar que no desenvolvimento desse trabalho pôde-se contar com o apoio constante e sugestões enriquecedoras da Dr<sup>a</sup> Maria Clara Paixão de Sousa (USP). Contou-se também com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

<sup>2</sup> Rosana ALVES, professora de Linguística do DCHL/UESB, doutoranda em Sociolinguística no IEL/UNICAMP, E-mail: alvesrosanauesb@Yahoo.com.br.

<sup>3</sup> O referido projeto, ou seja, o PHPB vem sendo desenvolvido sob a coordenação geral de Ataliba de Castilho (USP) e com a participação de diversos pesquisadores, a saber: Sônia Cyrino (UNICAMP), Jânia Ramos (UFMG), Rosa V. Mattos e Silva (UFBA), M<sup>a</sup> Célia Lina Hernandez (USP), Rosane Berlinck (UNESP), Ilza Ribeiro (UFBA), Norma Almeida (UEFS), dentre muitos outros.

<sup>4</sup> Esse grande projeto de pesquisa, sob a coordenação de Charlotte Galves (Unicamp) e com a participação de diversos pesquisadores (Maria Clara Paixão de Sousa (USP), Silvia Cavalcante (UFF),



Zenaide Carneiro (UEFS), etc.), ocupa-se, dentre outras tarefas, da “elaboração do *corpus* anotado do português histórico *Tycho Brahe*, contendo 2 milhões de palavras de autores portugueses e brasileiros nascidos entre os séc. 15 e 19, disponível em formato eletrônico no site do projeto “descrição e análise da evolução da colocação de clíticos e outros fenômenos morfossintáticos no português clássico, com implicações para a localização no tempo da mudança para a gramática do português europeu moderno”, (cf. [www.ime.usp.br/~tycho/corpus](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus)).

<sup>5</sup> A versão original do referido texto está disponível na Biblioteca Nacional de Lisboa (cf. referência desse artigo).

<sup>6</sup> Optou-se por colocar não apenas a estrutura alternativa, mas o período que a contém, bem como a sentença co-referente, isto é, a sentença convertida ao contexto de subjuntivo, para que possam ficar mais visíveis as relações semânticas e sintáticas da estrutura alternativa como um todo. Assim, o leitor poderá também fazer julgamento e testar a compatibilidade das sentenças expostas em (x’), ou seja, das sentenças com a variante *presente do subjuntivo* que estão sendo propostas.

